



***Requiem para
o navegador solitário,
de Luís Cardoso***

Damares Barbosa¹

Luís Cardoso tem sido apontado pela crítica como o principal representante da literatura em prosa timorense da atualidade. Desde 1997, com a publicação de seu romance *Crónica de uma travessia – a época do Ai-dik-funam*, Luis Cardoso fez chegar a público a história e os costumes do povo timorense, mesclados à história e aos costumes de outros povos, tendo em vista os ataques e invasões sofridas pelo Timor, por parte dos portugueses, japoneses e indonésios.

O romance de Luís Cardoso é conhecido principalmente nos países lusófonos; além de quatro livros publicados - traduzidos para vários idiomas -, atua como colaborador em jornais e revistas. Tendo passado grande parte da sua vida na diáspora, pois radicado em Portugal, Luís Cardoso viveu sua infância em Timor, estudou no seminário em Sobaida, destinado apenas às elites timorenses. Aprendeu os costumes de seu povo nas várias viagens que empreendeu em companhia de seu pai e conheceu de perto as necessidades e sofrimentos dos timorenses. Assim, mesmo distante de seu país durante os anos de repressão após a invasão da Indonésia, Luís Cardoso esteve atento aos fatos que envolviam a sua gente, relatando-os

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Pesquisa: “A Literatura de Língua Portuguesa de Timor Leste”, sob orientação do prof. dr. Hélder Garmes.

em suas obras. Seus romances, portanto, são repletos da cultura timorense, tendo como pano de fundo os acontecimentos históricos do Timor Leste mesclando, assim, estórias de um povo e seus costumes.

Nos romances *Crónica de uma travessia* e *Requiem para o navegador solitário*, Luís Cardoso faz alusão às guerras vivenciadas pelo povo timorense. Dentre as revoltas ocorridas em Timor, uma das principais foi a chamada Revolta de Manufahí. Comandada pelo líder religioso D. Boaventura, que se insurgiu contra o aumento de impostos decretado pela metrópole portuguesa, em 1912, a Revolta de Manufahí foi controlada pelos portugueses, que acabaram por matar muitos timorenses.

Como a Revolta de Manufahí, também a Segunda Guerra Mundial serviu como tema para Luís Cardoso. Pelo fato de estar próximo ao território australiano, Timor Leste serviria como um trampolim aos japoneses, assim que esses decidissem atacar a Austrália. Por tal razão, durante a Segunda Guerra, os aliados, de um lado, e os nipônicos, do outro, travaram luta em território timorense, entre 1942 e 1945, fazendo com que mais um conflito bélico tingisse de sangue o solo de Timor Leste.

Partindo-se do contexto da política salazarista, que pretendia manter a neutralidade portuguesa a todo o custo, o Timor Leste sofreu as consequências dessa política, servindo seu povo de escudo aos povos que não queriam ser atacados por potentes inimigos durante o confronto mundial.

Desde os primórdios, Timor Leste, que fora dividido entre Portugal e Holanda, concentrava em seu território as mais diversas nacionalidades. Quer pela colonização displicente dos portugueses, quer pelo comércio intenso com vários povos, a ocupação diversificada tornou-se um fato no território.

Quando a Segunda Guerra Mundial era iminente, a ocupação dos povos em Timor foi se agravando. Durante a guerra, as autoridades portuguesas, residentes em Timor, se depararam com a seguinte situação: os japoneses, que viviam na região, trabalhando na Sociedade

Agrícola Pátria e Trabalho (associação comercial fundada por japoneses, instaurada em Timor), instavam às autoridades portuguesas que construíssem uma base aérea, a fim de tornar mais rápido o transporte do algodão comercializado pela associação agrícola. Na verdade, queriam a base para reforçar seu poderio bélico na região e, marcar presença, também incentivando casamentos entre japoneses e mulheres timorenses. Com a formação dessas famílias, no caso de um ataque, os japoneses seriam beneficiados pela população nativa.

Por outro lado, australianos, junto com os holandeses, solicitavam autorização dos portugueses para enviar tropas aliadas a Timor, a fim de defender o povo timorense, no caso de um ataque nipônico. Para obter tal privilégio, apontavam a frágil posição da Austrália, que lutava junto com os países aliados na guerra, como alvo fácil para os japoneses.

Ora, Portugal era um país neutro na Segunda Guerra Mundial e neutro queria se manter. Assim, enquanto os administradores portugueses em Díli aguardavam a decisão de Salazar, crescia a insistência por parte dos japoneses e a preocupação dos aliados, que temiam um ataque à Austrália, via Timor Leste. Mas, Salazar permaneceu neutro somente até dezembro de 1941, quando os aliados decidiram não mais esperar a resposta de Salazar e, por medida de segurança, invadiram o território timorense. Ato contínuo, os japoneses invadiram também as terras timorenses, dando início a um dos episódios mais violentos da história do Timor Leste.

Tal episódio, no entanto, ficou escondido e esquecido até meados dos anos 80, quando veio à luz e foi resgatado pelos estudiosos portugueses. Desde então, historiadores do mundo, sobretudo portugueses, pesquisam e publicam temas relacionados aos fatos mencionados. Também o escritor Luís Cardoso usou o tema em seu último livro, *Requiem para o navegador solitário*.

Em *Requiem para o navegador solitário* a protagonista Catarina, filha de um chinês, residente na Batávia (atual Jacarta, Indonésia), fica noiva de um comerciante português, que é o capitão do porto de Díli,

quando este firma sociedade com o pai de Catarina. Após firmarem contrato, o noivo parte para o Timor e Catarina começa a se preparar para o casamento. Porém, a sociedade comercial entra em decadência e o pai de Catarina, com o intuito de assegurar o capital investido, manda a filha a Díli em busca do noivo e, também, sócio.

Importante destacar que à época a Batávia, na Ilha de Jacarta, na Indonésia, era um importante centro comercial da Companhia Holandesa da Índias Orientais. Havia um intenso comércio entre Macau, Díli e Batavia. Macau e Díli pertenciam a Portugal, mas metade da Ilha de Timor, ou Timor Ocidental e também a Batavia eram territórios holandeses.

Ao aportar em Díli, com um livro de Alain Gerbault nas mãos, Catarina pensa que ali encontrará seu príncipe encantado, mas percebe que caiu numa armadilha. Encontra, sim, aqueles que formavam, à época, a população que frequentava o porto de Díli: degredados e exilados políticos, oriundos de Portugal e de outras terras. Quando finalmente acha o noivo, que está devendo seu pai, Catarina é tratada como uma cobradora ou inimiga.

Após muitos infortúnios, Catarina encontra Alain Gerbault, autor do livro que trouxera de casa quando viajou para Díli. Alain Gerbault, o navegador, já muito debilitado, entra na vida de Catarina como um príncipe encantado e recebe os cuidados da moça até o instante de sua morte.

O *Requiem* de Luís Cardoso, é narrado em primeira pessoa, sob o olhar feminino, que ao longo dos 16 capítulos observa e relata os acontecimentos internos vivenciados em Timor Leste, mesclados à política imposta pelo governo salazarista, às suas colônias.

Ao mesmo tempo romântico e contundente, o livro de Luís Cardoso descreve a travessia realizada pelas mulheres em Timor, no período entre guerras, denunciando as atrocidades cometidas pelos japoneses, aliados e, também, o dano causado pela falta do efetivo cumprimento por parte das autoridades portuguesas.

Neste último romance de Luís Cardoso, há o personagem

Lavadinho, que fora mandado para reprimir a todos. Uma espécie de representante do governo salazarista, com ordens para conter e perseguir aqueles que eram contrários à política de Salazar. Lavadinho é uma autoridade no local: sabe tudo o que acontece e conhece todas as pessoas. Todos temem esse homem, que tem carta branca para praticar suas atrocidades. Assim, em nome da ordem, manda julgar em praça pública, manda prender e manda matar. No entanto, o Lavadinho sempre tem as mãos limpas, e todos comentam na cidade, quando algo ocorre sem ficar rastro que “isso é coisa do Lavadinho”.

Com a Segunda Grande Guerra e a invasão japonesa ao Timor, os grupos internos acabam travando combate, formando uma guerrilha. A guerra civil, nessa altura, é naturalmente fomentada pelos exércitos dos japoneses e aliados, que promovem verdadeiros massacres. Um desses episódios, ocorrido de 30 de setembro para 01 de outubro de 1942, ficou conhecido como o Massacre de Aileu.

Na obra de Luís Cardoso, cumpre ressaltar a construção das personagens femininas. Retratadas com meiguice desde o início, em seus romances, as mulheres deixam transparecer, no entanto, a verve audaz e o sangue guerreiro que possuem. Essas personagens femininas, frequentemente, estabelecem uma relação conflituosa com a figura paterna. E, Catarina de *Requiem para o navegador solitário*, não foge à regra. Em princípio, é entregue a um homem para que o pai pudesse firmar sociedade com ele, um forasteiro, um desconhecido. Quando é instada a cuidar da fazenda do noivo, promete a si mesma que vai reerguer a propriedade sozinha. Vira, portanto, a *nona* do capitão do porto de Díli. Para os homens da região, a *nona* era uma mulher que, se deixada por um, deveria ser de qualquer outro homem. Mas, Catarina resolve ficar sozinha e, inclusive se arrisca ao procurar um guerrilheiro refugiado, que é perseguido pelas autoridades. Após encontrá-lo, perde sua tranquilidade, pois passa a ser alvo das daqueles que controlam a região, com ameaças e práticas delituosas.

Ao longo do romance, Catarina conhece outros homens e, sem que perceba, em função de sua astúcia, vê-se envolvida nas tramas

políticas da cidade. Tenta manter a neutralidade, resguardar a família, sem obter êxito. Quando percebe já não pode mais se apartar das tramas ardilosas daqueles que engendraram a guerra. Nesse momento, a força da personagem é realçada pelas enérgicas e duras atitudes que precisa tomar, sempre em contraposição à figura frágil que aparentemente apresenta.

Requiem para o navegador solitário pode ser considerado um conto de fadas às avessas, no qual a heroína, que recebera uma educação esmerada e europeia, acredita que um dia encontrará seu grande amor, para alcançar a felicidade. No entanto, ao partir em busca de sua felicidade se depara com uma série de infortúnios e desgraças, numa terra estranha, onde se respira medo, violência e insegurança. A grande questão levantada sobre o território do Timor Leste é a da autoridade. Na realidade, a quem estava submetido o território timorense? Assim, é a trajetória da personagem Catarina, que é uma chinesa, fica noiva de um estrangeiro, viaja para uma terra estrangeira e, ao final do romance, se apaixona por um navegador solitário. Em sua trajetória, sente os temores de quem não tem raízes, um lar ou uma Pátria.

Questionando as relações de poder, o autor usa da personagem feminina Catarina, que é uma chinesa, como uma espécie de metonímia da relação histórica que existiu entre as duas colônias - Macau e Timor -, mostrando o forte vínculo dos timorenses com a cultura oriental. Ao realçar a força de uma personagem aparentemente delicada e frágil, também faz dela uma metáfora do povo timorense – já bastante miscigenado com outras comunidades orientais – que, tal qual Catarina, é aparentemente delicado e frágil, mas nos momentos importantes de sua história tem se mostrado forte e determinado.

Além dos livros aqui citados Luís Cardoso publicou *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001), e *A última morte do coronel Santiago* (2005), em Portugal, ambos pela editora Dom Quixote.

CARDOSO, Luís. *Requiem para o navegador solitário*. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2010.